



SALVADOR E SUAS CORES 2017  
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

J

## O PANORAMA DAS SENZALAS PARAIBANAS E PERNAMBUCANAS

*FERNANDO DE OLIVEIRA MORAIS*

Resumo: Atualmente o dito “quarto de empregada” na habitação brasileira tornou-se um dos protagonistas no meio midiático devido às recentes mudanças trabalhistas, à visibilidade de obras audiovisuais que o fazem referência e às alterações no modo de morar contemporâneo. Contudo, enquanto produto social, carregado de intenções, ele tem em sua origem na senzala, a habitação-prisão dos escravos na época do Brasil colonial. Assim, este artigo tem como objetivo analisar a arquitetura das senzalas remanescentes dos engenhos paraibanos e pernambucanos a fim de revelar as suas configurações espaciais a partir das pesquisas de Esterzilda Azevedo, Geraldo Gomes e Juliano Carvalho, mas também discutir quais as configurações que perpetuaram até a contemporaneidade, envolvendo a predominância de temas sociais de classe social, raça e gênero vinculados ao espaço de baixa qualidade, de dimensões mínimas, com pouca salubridade e segregado do restante dos outros cômodos da morada colonial. A pesquisa contribui para o registro iconográfico e arquitetônico, bem como para a discussão acerca dos modos de habitar na sociedade brasileira, particularmente da época colonial, contribuindo com os poucos estudos acerca da senzala.

Palavras-chave: Senzala, Arquitetura, Brasil Colonial, Paraíba, Pernambuco. Introdução

Atualmente o dito “quarto de empregada” na habitação brasileira tornou-se um dos protagonistas no meio midiático devido às recentes mudanças trabalhistas, à visibilidade de obras audiovisuais que o fazem referência e às alterações no modo de morar contemporâneo. Contudo, enquanto produto social, carregado de intenções, ele tem em sua origem na senzala, a habitação-prisão dos escravos na época do Brasil colonial. Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da dissertação de Moraes (2017)<sup>1</sup>, que apresentou a transformação sócioespacial da senzala aos quartos de empregada nos edifícios residenciais do século XXI na cidade de João Pessoa (PB), ressaltando, que, neste artigo, foi aprofundado o estudo da senzala a fim de revelar seus aspectos estruturadores e reminiscências, ou rupturas, que ocasionaram nos aspectos espaciais atuais do quarto de empregada na habitação brasileira. Para analisar os fundamentos do objeto de estudo foi pesquisado o panorama da habitação no Brasil do período colonial, mais especificamente nos Estados da Paraíba e de Pernambuco nas obras de Esterzilda Azevedo (1990), Geraldo Gomes (1990, 2002, 2007) e Juliano Carvalho (2005), embora foi registrada uma grande carência de variedade e de fontes

---

<sup>1</sup> A dissertação foi orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Doralice Sátyro Maia no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Paraíba.

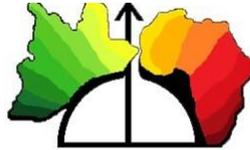


SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

bibliográficas, assim, será apresentado a compilação do material encontrado durante a pesquisa que possibilita ilustrar as transformações da senzala.

Contextualiza-se que essas moradias se encontravam em territórios de grandes distâncias e pouquíssimos povoados, portanto, isoladas, indicando a falta de produtos, que estimulou a produção doméstica de autossuficiência e subsistência, assim como a ligação dos habitantes ao universo da produção açucareira, a utilização e a dependência de mão de obra escrava, e, a indistinção entre a vida pública e privada antes do final do século XVIII e início do XIX, com a incorporação da hospitalidade ao visitante (ALGRANTI, 1997). Na falta de estradas carroçáveis, eram os rios que possibilitavam o escoamento da produção açucareira, por isso, as primeiras ocupações deram-se sobre as várzeas dos rios. Assim, a estruturação da ocupação rural foi iniciada a partir da várzea, tomando como exemplo o rio Paraíba, onde a cultura do açúcar teria uma expansão rápida até a segunda década do século XVII, devido às suas vastas dimensões, fertilidade da terra e proximidade de fontes d'água, seria a solução espacial e econômica necessária para superar as dificuldades de força motriz e de transporte para a fabricação de açúcar, e, por conseguinte, desempenharia, durante três séculos, o ápice da produção e a exportação dessa atividade nesta região. Esta prática estava indissociavelmente ligada à vida da maior parte da população paraibana, e, conseqüentemente, era motivo da inserção dos engenhos. No âmbito rural, os engenhos sofreram influências indígenas na forma da implantação e organização espacial dos edifícios (LEMOS, 1996, p. 25), sendo inicialmente locados nas proximidades d'água, como solução espacial e econômica necessária para superar as dificuldades de força motriz e de transporte. Nas primeiras décadas do século XVII, já se registrava o uso de diferentes tipos de aparelhos para a fabricação de açúcar, o que determinava os tipos de engenhos.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

1

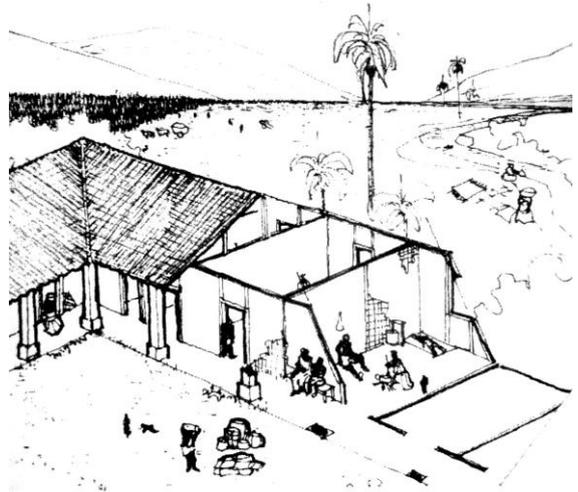
O primeiro tipo de engenho conhecido no Brasil foi o movido a água, conhecido como “engenho real”, era subdividido em "copeiros", "meio-copeiros" e "rasteiros", conforme a altura da queda d'água. O segundo tipo de engenho foi o movido a tração de animais, bois ou cavalos, conhecido como “engenho de trapiche”, e, posteriormente, no século XIX, surgiu o terceiro tipo de engenho, devido ao desenvolvimento de ferrovias e a utilização da máquina a vapor, possibilitando assim, outras formas de implantação e organização espacial, que compreendeu o assentamento ordenado em quadra com pátio interno central (figura 1 e 2) (DIÉGUES JUNIOR, 2006).

Figura 1: Foto aérea (1990) do engenho Pintos, em Moreno (PE), com evidência do assentamento ordenado em quadra com pátio interno central



Fonte: Gomes, 2007, p. 323.

Figura 2: Croqui de reconstituição do espaço da senzala doméstica



Fonte: Veríssimo; Bittar, 1999, p. 126.

O conjunto arquitetônico dos engenhos nos primeiros séculos de colonização era essencialmente composto por quatro edifícios: a casa-de-engenho ou moita (edifício da fábrica), a senzala (residência dos escravos), a casa-grande - casa nobre - vivenda (sede e residência do proprietário) e a capela, podendo conter edificações complementares como currais, oficinas, depósitos e anexos cobertos, que também delimitavam o espaço doméstico (figura 3). As edificações se apresentavam como construções isoladas, independentes e dispersas, gravitando ao redor da casa-grande, com possibilidades de justaposição.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

1

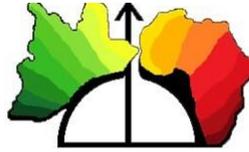
Figura 3: Foto aérea (1990) do engenho Morenos, em Moreno (PE), com destaque para setorização e dispersão dos edifícios na topografia do terreno



Legenda: 1) capela; 2) senzala; 3) casa-grande; 4) casa-de-engenho. Fonte: Gomes, 2007, p. 322.  
Editado pelo autor.

Esses edifícios se modificaram ao longo dos séculos e, por vezes, apresentaram particularidades regionais, observando, que, a setorização e a composição espacial, em todas as épocas e regiões, sempre revelou a hierarquia social do engenho. Nesta tipologia, as edificações mais nobres (casa-grande e capela) foram estabelecidas na parte mais alta do terreno, mas também, construídas com materiais mais resistentes, enquanto o restante (senzala e fábrica) foi construído nas áreas mais baixas do sítio, próximas d'água, com materiais precários, e, por esta razão, poucas dessas últimas habitações remanesceram até nossos dias. A prática de setorizar, segregar e situar as altas castas no topo de um terreno ou edificação, enquanto as mais populares em sua base, já se faz presente e constante desde as antigas civilizações como imposição de hierarquia sócioespacial, acrescentando, que, o posicionamento estratégico dos edifícios mais nobres numa topografia elevada do terreno realizou-se, no período colonial, por motivos de segurança e o controle, tanto em relação a morada escrava quanto ao entorno do engenho.

O conjunto arquitetônico dos engenhos nos primeiros séculos de colonização era essencialmente composto por quatro edifícios: a casa-de-engenho ou moita (edifício



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

1

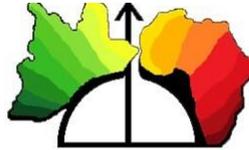
da fábrica), a senzala (alojamento dos escravos), a casa-grande - casa nobre - vivenda (sede e residência do proprietário) e a capela, podendo conter edificações complementares como currais, oficinas, depósitos e anexos cobertos, que também delimitavam o espaço doméstico. As edificações apresentavam-se como construções isoladas, independentes e dispersas, gravitando ao redor da casa-grande, com possibilidades de justaposição. Esses edifícios modificaram-se ao longo dos séculos e, por vezes, apresentaram particularidades regionais. Por sinal, a setorização e a composição espacial, em todas as épocas e regiões, sempre revelaram a hierarquia social do engenho.

Nos engenhos, quando o número de escravos era considerável, erguia-se o alojamento dos escravos, a senzala<sup>2</sup>, adaptação do termo “*sanzala*”, de origem de língua africana (kimbundu), que significa “povoação”, “residência de serviçais em propriedade agrícola” ou “moradia de gente separada da casa principal” (SLENES, 1999, p. 148). Este espaço também é conhecido na literatura como palhoça, cabana, barracão ou barracone, choupana, “o grande pombal negro”, “casa dos negros” ou “casa dos escravos” (ARAGÃO, 2011; AZEVEDO, 1990; SOUZA, 1991), podendo ser designando como apenas um dos cômodos que compunha a senzala ou como habitações individuais, “casinhas isoladas”<sup>3</sup>, a exemplo da representação do engenho Haarlem, que foi representado no mapa da ilha de Itamaracá (*Caerte van 't eylandt Tamaraca neffens het steedeken Schop ende 't fort Orangien met haer geleegehede van dien*) no Atlas Vingboons (1665) de Johannes Vingboons, em que consta a indicação, implantação e nomenclatura da casa dos negros, “*negers Huÿsen*” (mapa 1):

---

<sup>2</sup> O vocábulo “senzala”, de origem banto, tardou a se impor. Sheila Siqueira de Castro Faria, historiadora da área canavieira do Rio de Janeiro, informa que “senzala” só se teria generalizado no decorrer do século XVIII, em conexão com o predomínio de africanos daquela procedência” (MELLO, 2012, p. 123).

<sup>3</sup> “Do plural, não se deve, porém, concluir tratar-se de habitações separadas, pois no português da época “casas” designava os vários aposentos de um único edifício. Não é provável, portanto, que se tratasse de choças individuais reunidas ou dispersas pelo campo” (MELLO, 2012, p. 122).



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

1

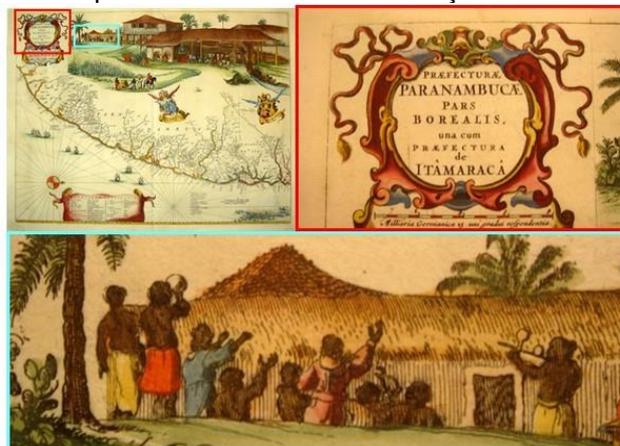
Mapa 1: Mapa da Itamaracá com a nomeação de senzala na legenda



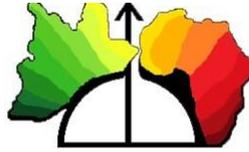
Fonte: Nationaal Archief (2012). Editado por Fernando Morais.

No estudo de Mello E. (2002) é apresentada a indicação dos primeiros indícios do registro das senzalas, tanto nas telas dos pintores nassovianos, em especial de Frans Post, quanto nos relatos de cronistas e viajantes como Tollenare, Vauthier e Avé- Lallemand. Na ilustração de Frans Post ao mapa de Joan Blaeu e Georg Marcgraf intitulado *Praefecturae Paranambucae Pars Borealis una cum Praefectura de Itamaraca* (1647), reproduzido na história do governo de Maurício de Nassau, há a nítida indicação de uma edificação semelhante às longas ocas dos índios brasileiros nas proximidades à uma casa-grande (mapa 2), e, que sugere a existência de um modelo primário da habitação dos escravos (AZEVEDO, 1990, p. 157):

Mapa 2: Mapa da Itamaracá com a indicação de uma senzala



Fonte: Lage (2016). Editado por Fernando Morais.



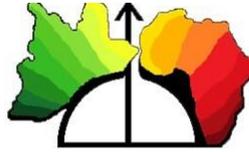
SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

1

Smith (1979, p. 217) observa que o alojamento dos escravos em Pernambuco, no século XVII, seguia os costumes indígenas de casas cobertas de palha: “Numa gravura de Franz Post, vê-se próximo a uma casa-grande, uma senzala notavelmente semelhante às longas ocas dos índios brasileiros”, enquanto, Gomes (2007), afirma que não há muitas informações acerca destas edificações até o século XVIII, pois as pinturas, até então, não contemplavam o registro delas, e, portanto, sua organização permanece como uma incógnita. O autor ainda especula, que, no início da colonização caberia aos escravos construir suas próprias casas, provavelmente choupanas isoladas construídas de taipa de pau-a-pique, segundo a descrição de um engenho na Bahia em 1795: “as senzalas consistiam de cabanas separadas, de paredes de barro e telhado de sapé, ou, mais caracteristicamente, de construções enfileiradas divididas em compartimentos, cada um ocupado por uma família ou unidade residencial” (SCHWARTZ, 1988, p. 125). Posteriormente, no século XVIII, a moradia dos escravos foi (re)agrupada em um único pavilhão composto por um conjunto de pequenos compartimentos conjugados, cubículos em série, dispostos em linha reta, podendo a fileira ser duplicada ou triplicada, com as portas voltadas para um alpendre fronteiro e contínuo, elemento de uso opcional, assim como a presença de janelas. Ali os escravos eram amontoados, em cômodos com condições de higiene e de habitabilidade inadequadas.

A técnica construtiva utilizada nas senzalas refletia-se na função que elas assumiram, tais como alojamentos, depósitos ou prisões, nas quais as duas primeiras empregavam os materiais menos duradouros e mais frágeis, como a taipa, e a última, composta por elementos de maior resistência, de cal e pedra. O material das paredes divisórias era, geralmente, taipa de pau-a-pique ou tijolos maciços, apoiando diretamente as terças da cobertura e definindo cômodos iguais, com largura de cerca de 3 metros, sem latrina ou cozinha. O telhado do alpendre, quando era inserido, costumava ser concebido por um prolongamento da cobertura principal em duas águas. Geralmente o único contato com o exterior era pelas portas apenas durante o turno da manhã, pois à noite elas eram fechadas para evitar a fuga dos escravos, segundo os relatos de Freyre (2003, p. 233): “[...] o tipo de senzala que predominou foi, por motivos de segurança do escravo e garantia contra a sua fuga, o de material mais resistente [...]”.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

1

Ainda segundo sua informação, a senzala era construída como [...] “um cubículo junto ao outro, formando um só edifício, fácil de ser vigiado, fiscalizado e guardado, como uma prisão ou um internato. Porta e janela, na frente de cada cubículo [...] ou apenas porta”. Em meados do século XIX, o engenheiro francês Vauthier, que esteve em Pernambuco entre 1840 a 1846, descreveu as acomodações da senzala como:

Difícilmente uma habitação humana poderá ser reduzida à expressão mais simples. A terra nua constitui o seu piso. As dimensões de cada cubículo atingem apenas 3 metros ou 3 metros e meio quadrados. A porta, que abre para a pequena galeria externa, é a única abertura que foi prevista. As paredes são de pau-a-pique. Pequenas estacas de madeira com casca, de 5 a 6 centímetros de diâmetro, fincadas na terra, suportam um gradeado horizontal formando quadrados de 20 a 25 centímetros de lado, cheios de barro grosseiramente alisado pela parte de fora. Nenhum reboco protege esse enchimento, por isso a ação das chuvas e do calor o deteriora logo e provoca ali aberturas suplementares através das quais penetra no cubículo um pouco de luz e de frescura. Cada um desses compartimentos estreitos contém, quer uma família inteira, quer dois ou três celibatários. Esteiras e cobertores de lã verde para a noite; a um canto, uma marmita de terra assentada sobre três pedras formando a lareira; algumas gamelas feitas de cabaças serradas ao meio, tal é o mobiliário que aí se encontra. (VAUTHIER, 1975, p. 91)

Em relação ao tamanho descrito, Gomes (2007, p. 113) corrigiu a tradução do texto de Vauthier através da medição de uma planta baixa em escala gráfica apresentada no documento original, ressaltando que na realidade “os cubículos eram quadrados e tinham, de lado, 3,50 metros, isto é, possuíam 12,25 metros quadrados”. Pode-se, assim, intuir que as habitações dos escravos não foram concebidas e construídas com intenção plástica alguma, enquanto o seu interior, geralmente, resumia-se a “uma esteira, uma cuia ou cabaça e às vezes alguns potes de barro andrajós, eis toda a mobília do lar de um casal negro” (ALGRANTI, 1997, p. 110).

Adiante será estudado os engenhos na várzea do rio Paraíba a partir do pré- inventário produzido por Juliano Carvalho (2005a; 2005b), no qual foram identificados os exemplares remanescentes das senzalas, mas também dos exemplares do Estado de Pernambuco, como referencial tipológico<sup>4</sup>, identificados na pesquisa de Gomes (2007). O primeiro tipo de senzala é representante do século XVIII, caracterizada por único pavilhão composto por um conjunto de pequenos compartimentos conjugados.

---

<sup>4</sup> O autor afirma que “não se chegou a encontrar nenhum exemplar tão típico quanto os pernambucanos” (CARVALHO, J., 2005a, p. 77).



SALVADOR E SUAS CORES 2017

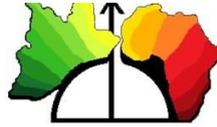
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

cubículos em série, dispostos em linha reta, podendo a fileira ser duplicada ou triplicada, com as portas voltadas para um alpendre fronteiro e contínuo, elemento de uso opcional, assim como, a presença de janelas (figuras 4, 5 e 6). Essa disposição espacial costuma ser uma solução simples e comum nos exemplares de senzalas, na qual os escravos eram amontoados, em cômodos com condições de higiene e de habitabilidade inadequadas. No Engenho da Graça, há um exemplar de senzala que se destaca por ter sido edificado com alvenaria de pedra<sup>5</sup>, o que conferiu maior resistência e segurança à edificação, embora não fosse um material tipicamente empregado nas senzalas, diferente da taipa de pau-a-pique, e sugere que na região pudesse haver abundância de pedra calcária da pedreira existente na propriedade (figura 7).

O segundo tipo de senzala está localizado no município de São Miguel de Taipu (PB), sendo inserido no engenho Itapuá, fundado no século XVII. Ele apresenta uma implantação atípica, pois a senzala localiza-se sobre uma colina que se ergue nas proximidades da casa-grande (atualmente demolida), topograficamente em domínio do conjunto. O corpo também se define por um único pavilhão, erguido com taipa de pau-a-pique nas alvenarias do núcleo da senzala composta por cubículos em série que abrem para uma circulação comum, destacando-se pelo aspecto exterior ser melhor cuidado que as demais senzalas, por suas dimensões e pelo programa de atividades, bem mais complexo que o primeiro, embora se considere que os anexos, o alpendre, a cornija, a arcada de alvenaria de tijolos e o piso em tijoleira devam ser posteriores à abolição da escravatura, em fins do século XIX ou nas primeiras décadas do século XX (figura 8).

---

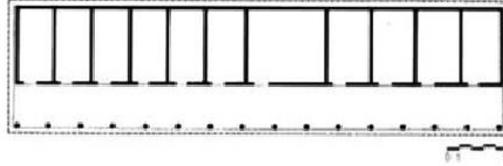
<sup>5</sup> Segundo Carvalho, J. (2005a) já foram registrados exemplares pernambucanos de senzalas do século XIX edificadas com alvenaria de pedra.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

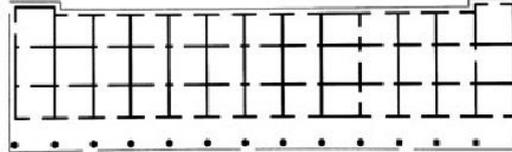
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Figura 4: Planta baixa e foto da fachada (1986) da Senzala do engenho Matas, no Cabo de Santo Agostinho (PE), senzala de 1 fileira com alpendre



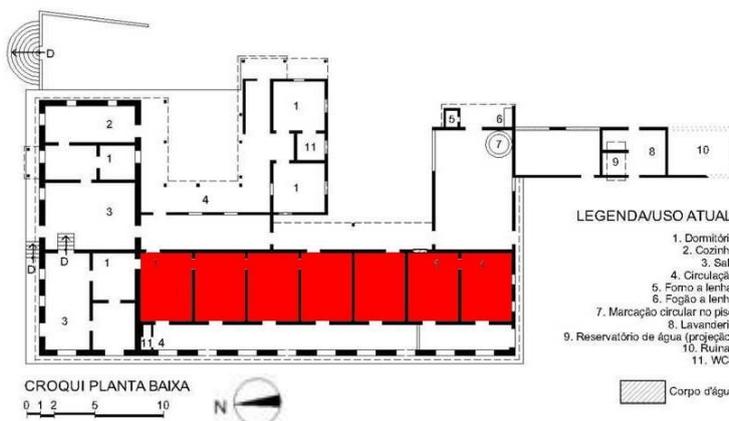
Fonte: Gomes, 1990. p. 44. Editado por Fernando Morais.

Figura 6: Planta baixa e foto da fachada (1986) da Senzala do engenho Jurissaca, no Cabo de Santo Agostinho (PE), senzala de 3 fileiras com alpendre



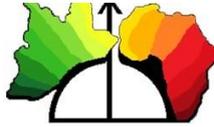
Fonte: Gomes, 2007. p. 186 e 334. Editado pelo autor

Figura 8: Senzala do Engenho Itapuá (PB)



Fonte: Carvalho, J. (2005b, p. 211 e 217). Editado por Fernando Morais

A terceira tipologia de senzala é encontrada no século XIX, representante do terceiro tipo de engenho, quando as edificações passaram a se constituir com justaposição de



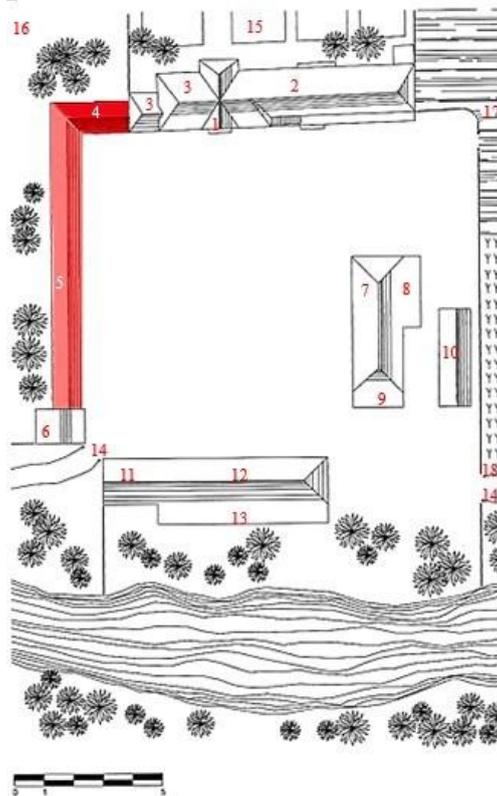
SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

planos, provocando na senzala, a vinculação com a casa-grande com disposição em L, através da extensão do seu eixo menor, sob a forma de anexo ou de “rés-do-chão” (espécie de porão) da residência do proprietário (figura 9) conforme a descrição de Vauthier:

Quanto ao comprido telheiro que se prende à casa, já sabeis o que é. Essa multiplicidade de portas baixas e estreitas, as paredes de barro, desmoronando-se aqui e acolá, trapos dependurados aos esteios que sustentam o telhado formam, na frente da construção, uma pequena galeria coberta, negrinhos pulando ao sol, uma ou outra cabeça encarapinhada que se mostra por instante à sombra de uma porta, tudo vos dirá claramente que estas são as habitações dos escravos (VAUTHIER, 1975, p. 79).

Figura 9: Esquema da implantação de um engenho pernambucano do século XIX segundo Vauthier, com destaque para senzala de oito e a senzala doméstica incorporada na casa-grande



Fonte: Gomes, 2007, p. 76. Editado por Fernando Morais.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

#### Legenda

- 1 Capela
- 2 Casa-grande
- 3 Quartos para hóspedes 4 Senzala doméstica
- 4 Senzala de oito
- 5 Sobradinho, casa do administrador
- 6 Casa de engenho, fábrica com casa da moenda e das caldeiras
- 7 Alpendre para os cavalos da moenda
- 8 Telheiro acima da fonalha
- 9 Casa do bagaço 11 Estrebaria
- 10 Casa de purgar, destilaria, armazém de açúcar, ficinas, pavilhão para a fabricação da farinha de mandioca
- 11 Alpendre servindo para a olaria 14 Portões
- 12 Horta
- 13 Plantação de mandioca
- 14 Pasto
- 15 Plantação de cana-de-açúcar

Este espaço era destinado à senzala doméstica, ou de dentro, servia de alojamento para as mucamas responsáveis pela execução das atividades domésticas da casa-grande<sup>6</sup>, enquanto externamente, localizava-se a senzala de oito, ou de trabalho, voltada para o terreiro, com arquitetura mais rústica e habitada pelos escravos responsáveis pela mão de obra da agricultura.

O quarto tipo de senzala é distinguido pela sua localização ser integrada à casa-grande (figura 10) sob a forma de enxovia<sup>7</sup> que poderia ser implantada tanto em terreno plano, quanto ser semienterrado e/ou acompanhar o desnível do terreno, como no exemplar do Engenho Una, localizado no município de Santa Rita (PB), que se desenvolve em dois pavimentos mais semi-subsolo, sendo erguido com o mesmo material da casa-grande e com poucas aberturas, garantindo problemas de ventilação, umidade e insalubridade, podendo ou não, se comunicar com o restante da edificação.

---

<sup>6</sup> A aproximação entre casa grande e senzala doméstica, seja sob a forma de anexo em “L” ou de enxovia, possui o mesmo efeito de facilitar a aproximação do trabalho doméstico e de exploração sexual das escravas.

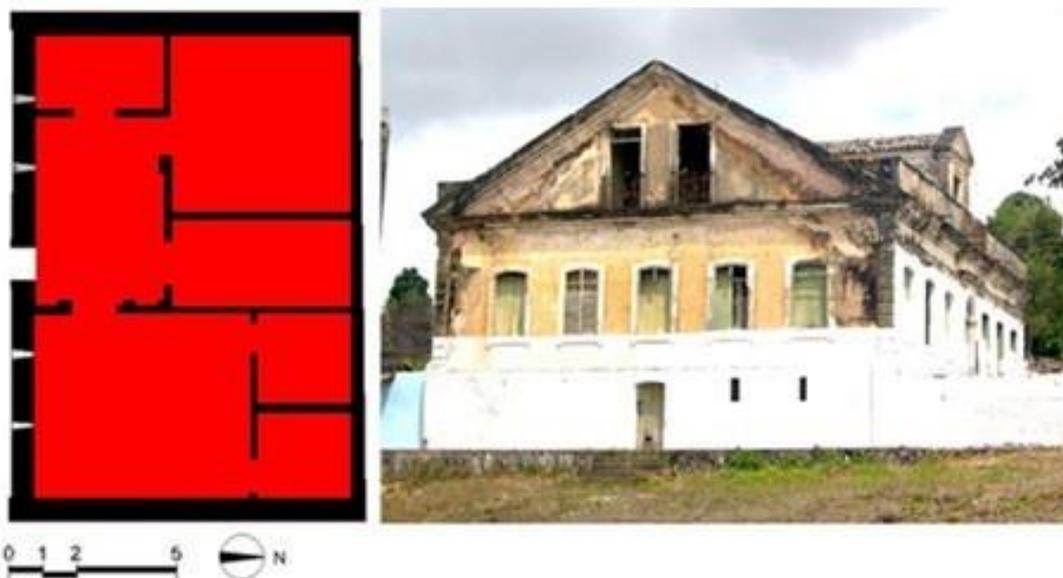
<sup>7</sup> Segundo Weimer (2014, p. 209-217), a enxovia era o dormitório-prisão dos escravos negros dentro das casas senhoriais, por questões funcionais e de controle, era localizada no andar térreo ou no pavimento inferior sob a forma de um porão fechado a chave, sendo escuro, úmido e sujo, e, quando indicava o uso doméstico, também poderia ser denominada como o “quarto das negras”.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Figura 10: Senzala no porão da casa-grande do Engenho Una (PB)

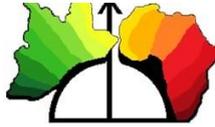


Fonte: Carvalho, J. (2005b, p. 121). Editado por Fernando Morais.

O uso da senzala, quando aproximado ou anexado à casa-grande, poderia ser identificado como estrebaria, armazém, depósito ou senzala, que abre margem para duas suposições de uso: 1) poderia ser utilizada como a senzala de eito, ou de trabalho, habitada pelos escravos responsáveis pela mão de obra da agricultura, mas também local de aprisionamento e de castigo dos escravos, onde eram inseridos os instrumentos de tortura; 2) poderia ser o espaço destinado à senzala doméstica, ou de dentro, que servia de alojamento<sup>8</sup> para as mucamas responsáveis pela execução das atividades domésticas da casa-grande, possibilitando uma maior liberdade de circulação aos deveres domésticos para suas integrantes, geralmente escravas escolhidas a dedo, além de constituir-se como local de exploração sexual das mesmas, “constituindo, às vezes, verdadeiros haréns” (MENDES; VERÍSSIMO; BITTAR, 2010, p. 130).

Diante deste contexto, destaca-se que a presença de um sótão ainda denuncia a possibilidade que dividisse espaço com o “quarto de engomar” e com o “quarto das negras”. Fica evidente, portanto, que havia uma hierarquia interna em relação ao tipo

<sup>8</sup> Na “casa urbana” pode ser associado ao “quarto das negras” ou à “cela das mucamas”, espaços destinados às escravas domésticas (WEIMER, 2014).



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

de atividade desenvolvida, na qual a posição social e de gênero dos cativos era materializada na arquitetura, na setorização e na circulação, exemplificado pelas instalações das dependências (figura 11 e 12) do Museu Senzala Negro Liberto, em Redenção (CE).

Figura 11: Senzala de oito equipada com ferramentas de tortura no Museu Senzala Negro Liberto (CE), localizada no porão da casa-grande



Fonte: Patricia Moura (2013).

Figura 12: Cella das mucamas do Museu Senzala Negro Liberto (CE), localizada no anexo da casa-grande, agrega ao espaço o sincretismo religioso



Fonte: Mochileiro, 2012



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

O contraste entre senzalas na leitura feita por Vauthier no Nordeste, sob a escravidão, conhecida como “arquitetura do açúcar”, é também identificada na “arquitetura do café”, representada na habitação paulista segundo o estudo de Saia (2005, p. 183-185): “dois tipos de residência comparecem numa sede de fazenda de café: a morada do proprietário e a senzala”.

Segundo Diégues Junior (2006, p. 33), após a abolição da escravatura, este alojamento, quando não foi destruído, passou a se configurar pequenas casas conjugadas, servindo de armazém, depósito, cocheira ou abrigo a trabalhadores instáveis nas vilas-operárias das usinas, que surgiram com semelhança às senzalas. Já no Sertão Paraibano, Diniz, (2013, p. 213), indica que, na arquitetura rural vinculada à “indústria do criatório” no século XIX, pouquíssimas fazendas de gado possuíam senzalas, geralmente destinando os escravos aos “cômodos no interior da casa-sede. Quando não, havia quartos na parte posterior da edificação, junto à cozinha, que serviam de repouso para eles”. Aos dias atuais, Carvalho (2005a) afirma que a integridade das senzalas remanescentes foi dificultada pelo arruinamento a que chegaram devido à técnica construtiva precária, aos materiais empregados e à solução de continuidade para seu uso<sup>9</sup>, sugerindo que elas deveriam estar sendo sempre reconstruídas, e, portanto, eram concebidas como habitações efêmeras, ainda se assemelhando às estrebarias, além de terem sofrido modificações e suposições em número e tipo de cômodos ao longo do tempo, seguindo um modelo de habitação operária e rural.

## CONCLUSÃO

Ressalta-se nessa pesquisa a presença de uma diversidade do emprego de materiais, de localização, de implantação, de forma e de estilos arquitetônicos nas senzalas, que

---

<sup>9</sup> [...] a senzala passou por uma transição que [...] em muitos casos, parecem mesmo ser senzalas reformadas para adquirirem um aspecto mais digno. [...] As transformações sofridas são mais do que o aumento no número de compartimentos. Elas compreendem a fusão de unidades e, numa etapa mais avançada de adaptação da tipologia, a reestruturação dos espaços internos. (CARVALHO, J., 2005a, p. 77)



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

sugere que suas edificações foram erguidas em momentos distintos, mas também como indicado, nem todas as senzalas eram iguais, assim como a circulação aos demais espaços do engenho possuíam restrições, que eram refletidas na relação de atividades, conforme a citação:

[...] mucamas que dormiam no quarto de seus senhores, que levavam recados e faziam parte do séquito familiar quando este saía da casa. [...] Lugar de escravo não era, portanto, somente na cozinha e no eito das grandes fazendas. Eles ficavam em diversos lugares, em diferentes momentos, compartilhavam do cotidiano de seus senhores, ou no trabalho, ou dividindo uma esteira e um pouco de comida com aqueles proprietários mais pobres. (ALGRANTI, 1997, p. 133)

Fica evidente, portanto, que havia uma hierarquia interna em relação ao tipo de atividade desenvolvida, na qual a posição social e de gênero dos cativos era materializada na arquitetura, na setorização e na circulação. Assim, nos primeiros anos de colonização dos Estados da Paraíba e de Pernambuco, o aspecto das moradas apresentava-se bastante simples, pois, a produção e o uso da arquitetura nos núcleos urbanos coloniais baseavam-se no trabalho escravo, no primitivismo tecnológico, na escassez dos materiais utilizados na Europa e na falta de aperfeiçoamento, conferindo assim, precariedade e agilidade na produção das casas térreas, de tamanho mais reduzido, de taipa e cobertas com palma (GANDAVO, 1980, p. 93).

Enquanto os seus aspectos estruturadores, de espaço de dimensões mínimas e de baixa qualidade espacial vinculado ao setor de serviço perpetuou na cultura e na forma de habitar da sociedade brasileira, onde Freyre (2003, p. 234-235) explica que “as antigas senzalas passam a ser, sob a forma de “casas” ou “quartos”, parte do edifício de residência dos senhores”, ainda sendo “reconhecíveis, facilmente, os traços das antigas senzalas, cocheiras de serviços” (REIS FILHO, 2014, p. 78), deste modo, utilizando as palavras de Bruand (1981, p. 20) “trata-se evidentemente de um vestígio da senzala”, sendo reconhecível como solução eminentemente brasileira para alojamento de criadagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Melo e (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, vol. 1, p. 84-153.

ARAGÃO, Solange de. **Ensaio sobre a casa brasileira do século XIX**. São Paulo: Blucher, 2011.

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. **Arquitetura do açúcar**. São Paulo: Nobel, 1990

RUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CARVALHO, Juliano Loureiro de. **Pré-inventário dos engenhos da várzea do Rio Paraíba**. Vol. 1: Estudo teórico. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Pré-inventário dos engenhos da várzea do Rio Paraíba**. Vol. 2: Fichas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005b.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **O engenho de açúcar no Nordeste**. Maceió: Edufal, 2006.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Um sertão entre tantos outros: fazendas de gado das Ribeiras do Norte**. 2013. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da terra do Brasil: História da província Santa Cruz**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

GOMES, Geraldo. **Engenho e arquitetura**. Recife: Fundaj/Ed. Massangana, 2007.

\_\_\_\_\_. **Engenho e arquitetura: morfologia dos edifícios dos antigos engenhos de açúcar pernambucanos**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. Linguagem Clássica. In: MONTEZUMA, Roberto (org.). **Arquitetura Brasil 500 anos: uma invenção recíproca**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002, Vol. 1, p. 64 a 181.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global, 2003.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

LAGE, Antônio. **Praefecturae Paranambucae Pars Borealis una cum Praefectura de Itamaraca - 1665 - Johannes Blaeu**. 2006. Disponível em: <<https://picasaweb.google.com/myoldmaps/PraefecturaeParanambucaeParsBorealisUnaCumPraefecturaDeltamaraca1665JohannesBlaeu>> Acesso em: 03 jun. 2016.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.

LINS, Guilherme Gomes da Silveira d'Ávila. **Páginas de história da Paraíba**. João Pessoa: Empório dos Livros, 1999.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Um imenso Portugal**: história e historiografia. São Paulo: Editora 34, 2002.

MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Chico; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil**: de D. João VI a Deodoro. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2010. MOCHILEIROS e campistas. Redenção, Ce. In: **Mochileiros e campistas**. 2012. Disponível em: <<http://mochileirosecampistas.blogspot.com.br/2012/06/redencao-ce.html>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

MORAIS, Fernando de Oliveira. **O Quartinho: a dependência doméstica na habitação multifamiliar na cidade de João Pessoa (PB) no Século XXI**. 2017. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa, 2017.

MOURA, Patricia. Museu Senzala Negro Liberto – Redenção. In: **Morar em Fortaleza**. 2013. Disponível em: <<http://moraremfortaleza.com.br/tag/redencao/>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

NATIONAAL Archief. **Kaartcollectie Buitenland Leupe**. 2012. Disponível em: <[http://www.gahetna.nl/en/collectie/afbeeldingen/kaartencollectie/zoeken/weergave/det et ail/q/id/af879ba2-d0b4-102d-bcf8-003048976d84](http://www.gahetna.nl/en/collectie/afbeeldingen/kaartencollectie/zoeken/weergave/det%20et%20id/af879ba2-d0b4-102d-bcf8-003048976d84)> Acesso em: 03 jun. 2016.

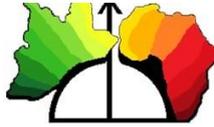
REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 12ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SCHWARTZ, Stuart B.. **Segredos internos**: Engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SLENES, Robert Wayne. **Na senzala, uma flor**: Esperanças e recordações na formação da família escrava. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SMITH, Robert Chester. **Igrejas, casas e móveis**: Aspectos da arte colonial brasileira. Recife: MEC/UFPE/IPHAN, 1979.

SAIA, Luís. **Morada Paulista**. São Paulo: Perspectiva, 2005



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

SOUZA, Lêda Maria Teles de. **Dependência da empregada**: O espaço da exclusão. 1991. (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1991.

VAUTHIER, Louis Léger. Casa de Residência no Brasil. In: **Arquitetura Civil I**. São Paulo: FAUUSP e MEC-IPHAN, 1975.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil**: As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

WEIMER, Günter. **Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.